



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS
CAMPUS SÃO BERNARDO

RITA DE CÁSSIA COSTA SILVA

O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS: Um estudo sobre as práticas pedagógicas utilizadas
no processo de ensino e aprendizagem na escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha

São Bernardo

2018

RITA DE CÁSSIA COSTA SILVA

O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS: Um estudo sobre as práticas pedagógicas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem na escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão (UFMA – Campus São Bernardo) para obtenção do grau de licenciada em linguagens e Códigos com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof.^a Mestra Rachel Tavares de Moraes

São Bernardo

2018

RITA DE CÁSSIA COSTA SILVA

O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS: Um estudo sobre as práticas pedagógicas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem na escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão (UFMA – Campus São Bernardo) para obtenção do grau de licenciada em linguagens e Códigos com habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovada em _____, de Fevereiro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Rachel Tavares de Moraes

Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos
Universidade Federal do Maranhão
Orientadora

Prof.^a Me. Charlyan de Sousa Lima

Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos
Universidade Federal do Maranhão
1º examinador

Prof.^a Ms. Idinéa Bezerra Correia

Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos
Universidade Federal do Maranhão
2º examinador

À minha mãe e avô Maria Elias Pereira da Costa, *in memoriam*, mulher batalhadora, que sempre me incentivou a buscar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo, ao meu Deus Soberano, que me ajudou nos momentos difíceis, mostrando-me que era capaz de enfrentar todas as dificuldades, que me sustentou em meios às tribulações, que me guiou nos caminhos da Sua verdade, e me possibilitou concretizar este trabalho, pois, sem o Senhor eu não sou nada, mas através do seu Poder eu posso todas as coisas.

A toda minha família. Mas, sobretudo, agradeço á algumas pessoas que me ajudaram de forma grandiosa e contribuíram para a minha formação acadêmica. A minha mãe Maria Zita Pereira da Costa, mulher guerreira e batalhadora, que sempre fez e faz o possível e até o impossível, para realizar os sonhos de seus filhos, buscando sempre o melhor. Obrigada mãe pelo seu amor incondicional, incentivo e apoio, e pelos valores que fizeram de mim e de meu irmão o que somos hoje. Ao meu pai, Francisco das Chagas Soares da Silva, um dos presentes de Deus, e agradeço muito ao Senhor por ter posto esse homem na minha vida, que me ama como sua filha e que sempre está presente comigo em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. Obrigada Pai. Ao meu irmão, Bernardo José Costa Silva, que apesar das brigas e discursões nos amamos muito, e que me ajudou nas horas mais difíceis, alegrando-me com seu jeito de ser. Uma das razões que me fortifica para alcançar meus objetivos, para lhe proporcionar o melhor em sua vida. Vou ser eternamente grata a vocês por todo amor e incentivo.

Ao meu príncipe, Enzo Gabriel Costa Pereira, que apenas com um lindo sorriso, me dar forças para continuar e superar todas as tribulações. Com a sua inocência e seu amor incondicional, me cativa e me ensina a amar. E a sua mãe Carmem Célia Pereira da Costa, prima querida que me ajudou em muitos momentos difíceis, e nos presenteou com o bem mais precioso.

As minhas tias/ mães, Carmelita Rita Pereira da Costa, Lucelita Pereira da Costa e Maria das Dores Pereira da Costa, mulheres guerreiras, que fazem de tudo pelo bem de nossa família. A uma pessoa muito especial em minha vida, a irmã de outra mãe, que me ajudou em todos os momentos de minha caminha, nos bons momentos e, principalmente, nos momentos ruins. E mesmo sendo mais nova, me dar broncas e conselhos para o meu melhor. Maria Fernanda da Costa Lima, te agradeço muito pelo companheirismo e amor.

Agradeço ao curso de Linguagens e Códigos pelos conhecimentos adquiridos, pelas pessoas especiais, que tive o privilégio de conhecer ao longo desta caminhada e, sobretudo aos AMIGOS que levarei para toda minha vida. Em especial a minha grande amiga, Mariana

Marques do Nascimento, que sempre esteve comigo em todas as situações. Aquela que compartilhou comigo vários momentos, imprescindíveis, de nossa vida acadêmica. Foram muitas emoções vividas, muitos risos, choro, aventuras e loucuras vividas, que nos fortaleceram e nos aproximaram cada vez mais. Andressa da Silva Paiva, primeira amiga de turma, pessoa meiga e delicada, porém muito forte, que superou muitas dificuldades ao longo desses anos de academia e nos mostrou que juntos venceremos. Eline da Costa Brito, a menina que adora fotos, mente brilhante, a pessoa mais doce e do sorriso mais radiante. Rodrigo Mesquita Alves Nogueira, que apesar das brincadeiras e zoações, me faz chorar de risos. Wellington Lima Nunes, menino que nos surpreendeu ao longo de nossa caminhada, nos deixando orgulhosos. Enfim, agradeço a todos da turma 2013.2.

A minha orientadora, Prof.^a Ma. Rachel Sousa Tavares, pelos ensinamentos, apoio, disponibilidade, que foram imprescindíveis para realização deste trabalho. Obrigada pela sua paciência e dedicação e por aceitar-me como sua orientanda.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos, que contribuíram para minha formação e incentivaram na ampliação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula. Por fim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente na conclusão de mais esta etapa de minha vida e embora não citados aqui, não deixam de merecer meu agradecimento.

RESUMO

O presente trabalho tem como temática O Ensino De Jovens E Adultos: Um estudo sobre as práticas pedagógicas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem na escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha, com o intuito de investigar as práticas pedagógicas empregadas no processo de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com a pretensão de obter dados sobre a realidade do ensino da EJA na escola Instituto Educacional Conego Nestor de Carvalho Cunha, frisando suas dificuldades e expectativas, formação e dificuldades do professor que atua nessa modalidade de ensino e, as práticas pedagógicas empregadas em sala de aula no processo de ensino aprendizagem pelos docentes. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada a alunos que por algum motivo, não tiveram acesso ou não puderam estudar na idade tida como apropriada. Alunos esses, que ao ingressarem na escola sofrem preconceitos, vergonha, críticas, por apresentarem dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e são na maioria analfabetos. Tornando o papel do professor de suma importância para o sucesso de seus alunos, atuando não como mero transmissor de conhecimentos, e sim como professores formadores de opiniões, com o intuito de buscar mudanças, obter dados para denunciar as falhas e carências da educação, e trabalhar de forma diferenciada, identificando as capacidades, dificuldades e potencialidades de cada aluno, para aplicar práticas que valorize seus conhecimentos e vivências. Neste estudo, buscamos dados que nos mostre como os profissionais vêm atuando nesta modalidade de ensino numa escola do Município de São Bernardo. A metodologia deste trabalho será desenvolvida de modo quantitativo, com observação das aulas, entrevista informal e questionários com alunos e docentes que atuam no campo da EJA, confrontando com estudos bibliográficos sobre o objeto estudado. O tipo de delineamento adotado no trabalho será o de pesquisa de campo, de caráter exploratório. Os dados nos fomentam que a EJA necessita de um olhar específico por parte dos órgãos públicos. Pois o que vemos na realidade, é a falta de recursos para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, e professores que não estão capacitados para atuar nesta modalidade de ensino, devido à falta de formação destinada aos profissionais da EJA. E conseqüentemente, aplicam práticas pedagógicas mecânicas, descontextualizadas, baseadas na cópia, desvinculadas da realidade dos alunos, quase sempre, provocando desmotivação e aumentando os índices de evasão e desistência.

Palavras chaves: Educação de Jovens e Adultos. Práticas Pedagógicas. Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

The present work has as a theme The Teaching of Young and Adult: A study on the pedagogical practices used in the teaching and learning process in the school Nestor de Carvalho Cunha, with the intention of investigating the pedagogical practices employed in the teaching and learning process in the Youth and Adult Education (EJA). With the pretension of obtaining data about the reality of the teaching of the EJA in the school Nestor de Carvalho Cunha Educational Institute, stressing its difficulties and expectations, training and difficulties of the teacher who works in this modality of teaching, and the pedagogical practices used in the classroom in the process of teaching learning by teachers. Youth and Adult Education (EJA) is a form of education aimed at students who for some reason did not have access or could not study at the age considered appropriate. These students, who upon entering the school suffer prejudice, shame, criticism, present difficulties in the teaching and learning process and are mostly illiterate. Making the role of the teacher of utmost importance for the success of his students, acting not as a mere transmitter of knowledge, but as teachers who form opinions, with the purpose of seeking change, obtaining data to denounce the failings and deficiencies of education, and work in a differentiated way, identifying the capacities, difficulties and potential of each student, to apply practices that value their knowledge and experiences. In this study, we look for data that show us how professionals have been working in this modality of teaching in a school in the Municipality of São Bernardo. The methodology of this work will be developed quantitatively, with observation of classes, informal interview and questionnaires with students and teachers working in the field of EJA, confronting with bibliographic studies about the object studied. The type of design adopted in the work will be the field research, of an exploratory nature. The data encourage us that the EJA needs a specific look from the public agencies. For what we see in reality is the lack of resources to aid in the teaching and learning process, and teachers who are not qualified to act in this modality of teaching, due to the lack of training for the professionals of the EJA. And consequently, they apply mechanical, decontextualized, copy-based pedagogical practices, disconnected from the reality of the students, almost always, provoking demotivation and increasing the rates of evasion and withdrawal.

Key words: Youth and Adult Education. Pedagogical practices. Teaching and learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1	Breve Histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....	12
3.	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	19
3.1	O Educador da EJA e seus desafios.....	23
3.2	O Educando da EJA e suas dificuldades.....	26
4.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
4.1	Local da Pesquisa.....	30
4.2	Tipo de pesquisa.....	31
4.3	Sujeitos e amostra.....	32
4.4	Coleta de dados.....	33
4.5	Resultados e discussões (análise de dados).....	34
4.5.1	Visão dos alunos em relação ao processo de ensino e aprendizagem na EJA.....	34
4.5.2	A visão dos professores em relação ao processo de ensino e aprendizagem	38
4.5.3	Práticas pedagógicas usadas no processo de ensino e aprendizagem na EJA	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICE.....	49

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que por muitos anos ficou esquecida pelos órgãos públicos. Porém, a EJA está amparada pelas leis que asseguram o dever e a qualidade do ensino, mas o que se vê, e o descaso dos poderes políticos, acarretando o fracasso nas escolas, devido ao não cumprimento das leis.

É notória a importância da EJA para os alunos que por algum motivo, não tiveram acesso ou não puderam estudar na idade tida como apropriada. Alunos esses, que ao ingressarem na escola sofrem preconceitos, vergonha, críticas, e são considerados como “cabeças duras”, por apresentarem dificuldades no processo de ensino-aprendizagem e são na maioria analfabetos. Tornando o papel do professor de suma importância para o sucesso de seus alunos, que se faz necessário identificar as capacidades, dificuldades e potencialidades de cada aluno.

Já que, como docentes formadores de cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade, devemos olhar para os alunos da EJA de forma diferenciada, buscando mudanças nas metodologias usadas no processo de ensino-aprendizagem, despertando a vontade e o interesse dos mesmos em participar das aulas, e incentivar a prosseguir em busca de novos conhecimentos. Vera Capucho (2012, p. 72) salienta que os profissionais que atuam na EJA devem empregar práticas pedagógicas que deve “[...] considerar e respeitar a diferença e a diversidade dos estudantes jovens e adultos”.

Pois cada um carrega consigo experiências vividas, e formas de pensar já estabelecidas, diferenciando-os dos alunos do ensino regular e, conseqüentemente, o professor deve atuar em sala de aula de forma diferenciada, atuando não como mero transmissor de conhecimentos, e sim como professores formadores de opiniões, com o intuito de buscar mudanças, obter dados para denunciar as falhas e carências da educação, e trabalhar de forma diferenciada.

Destacado a importância da EJA, o presente trabalho tem como objetivo abordar as práticas pedagógicas empregadas no processo de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com o intuito de analisar a realidade do ensino da EJA nas escolas públicas, ressaltando suas dificuldades e expectativas, a formação do professor que atua nessa modalidade de ensino e, sobretudo, destacando as práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula no processo de ensino-aprendizagem pelos docentes, que muitas vezes contribuem para a evasão dos alunos.

Visto que, a Educação de Jovens e Adultos no Município de São Bernardo, apresenta vários empasses, como a falta de material pedagógico, as péssimas condições escolar, a falta de estímulo por parte dos administradores, o que dificulta o processo de ensino e aprendizagem, e principalmente as metodologias empregadas pelos docentes que não possuem conhecimentos e qualificação na área e acabam utilizando metodologias impróprias e descontextualizadas, de forma inadequada e facilitadora, o que não desperta o interesse dos alunos e, conseqüentemente, provoca evasão escolar. Pois a maioria dos educadores que atuam na sala de aula da EJA no município de São Bernardo, apresenta formação e experiências apenas no ensino regular, destinada a crianças e adolescentes, mas que por alguns motivos passaram a atuar na EJA. Vera Capucho (2012, p. 69) salienta que “[...] apesar dos relativos avanços, a EJA continua a ser marcada pela docência improvisada, resultando em estudantes desprovidos (as) de conhecimento e desrespeitados (as) em seus direitos”.

Assim, o docente ao atuar no campo da EJA deve se colocar na situação de permanente aprendiz, e não como mero detentor do saber. Freire (1996, p.47) ressalta que, os professores, ao adentrar em sala de aula devem “[...] estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa- a de ensinar e não de transferir conhecimentos”. Se empenhando e buscando empregar metodologias que instigue à curiosidade e que acima de tudo reconheça e respeite as diferenças entre os sujeitos, procurando romper com as metodologias mecanizadas e decodificadas usadas em sala de aula.

A metodologia deste trabalho será desenvolvida de modo quantitativo, com observação, entrevista e questionários com alunos e docentes que atuam no campo da EJA, confrontando com estudos bibliográficos sobre o objeto estudado.

O tipo de delineamento adotado no trabalho será o de pesquisa de campo, de caráter exploratório. A pesquisa de campo deste trabalho será realizada em uma escola pública na cidade de São Bernardo. A Instituição concedente é à escola “Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha”, localizada na Rua Barão do Rio Branco, centro, que ofertam a Educação de Jovens e Adultos - EJA Fase I, II, III, e IV (1º ao 9º ano do Ensino fundamental).

O trabalho será desenvolvido com 10 alunos pertencentes a 3º e 4º etapa (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental e 2 professores que trabalham nesta modalidade de ensino.

O presente trabalho será desenvolvido a partir dos estudos de Capucho (2012), Paula e Oliveira (2011), Freire (1967, 1997; 2001), Soares; Giovanetti e Gomes (2011), Silva (2010) e outros autores que tratam do tema proposto. Sendo que, no estudo em questão, as pesquisas bibliográficas se faz presente, mas a pesquisa de campo se sobressai sobre este

estudo, buscando esclarecer o problema proposto, por meio de entrevistas informais, visitas a sala de aula e questionários com os professores e alunos da EJA.

O trabalho será dividido em capítulos, para melhor acompanhamento e compreensão do mesmo.

O primeiro capítulo vem trazendo de um breve histórico da EJA no Brasil, destacando suas dificuldades e avanços, desde o período colonial até os dias atuais.

O segundo capítulo aborda sobre o ensino da EJA, frisando, ainda, sobre as práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), ressaltando as dificuldades presenciadas no processo de ensino e aprendizagem pelos educadores e os desafios encontrados pelos educandos da EJA.

O terceiro capítulo vem relando todos os procedimentos metodológicos usados para a elaboração deste trabalho. O trabalho trata de uma pesquisa de campo, realizada na escola Instituto Educacional Conego Nestor de Carvalho Cunha, no município de São Bernardo. A pesquisa de campo nos possibilita ter mais conhecimento sobre o campo pesquisado, as opiniões dos alunos e dos docentes que atuam na EJA, descrevendo os dados coletados por meio de observações da sala de aula, e questionários aplicados aos professores e alunos da EJA.

O quarto capítulo retrata sobre os resultados e discussões obtidos na pesquisa. A análise foi realizada a partir dos dados coletados, por meio de observações do cotidiano escolar, e questionários, aplicado para professores e alunos da EJA. Os resultados obtidos foram fundamentados no referencial teórico, e comprovam que os professores necessitam repensar o fazer e o saber pedagógico, pois os dados coletados nos mostraram a necessidade de atualizar suas práticas pedagógicas.

O trabalho pode favorecer para uma melhor compreensão sobre o tema, despertar para outras reflexões, e servir ainda como leitura para quem deseja pesquisar sobre esta mesma temática. Frisando que não queremos desmerecer o professor, e sim questionar sobre as práticas pedagógicas que os mesmos empregam no processo de ensino e aprendizagem, mostrando que os professores necessitam de formação continuada, para atuar nesta modalidade de ensino.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma preocupação muito antiga, que não se restringe apenas a uma tarefa puramente escolar, está intimamente ligada a sonhos, expectativas, e anseios de mudança. Porém, o campo da EJA tem uma longa história, mas que poucos a conhecem. É uma modalidade de ensino carregada de complexidades que necessita de definições e posicionamentos claros, e que carrega o rico legado da Educação Popular. (Soares, Giovanetti e Gomes, 2011)

Trataremos neste tópico, de modo breve, o histórico da EJA, destacando seus retrocessos e avanços, desde o período da colonização até os dias atuais.

2.1. Histórico da EJA no Brasil

A educação no Brasil tem início no período colonial, com a vinda dos jesuítas para o Brasil, com o objetivo de domesticar os índios e difundir a fé cristã, e não como uma forma de transmitir conhecimentos.

Romão e Gadotti apud: PAULA e OLIVEIRA (2011), destacam os interesses educativos dos jesuítas:

Somente após quase meio século da “descoberta do Brasil” é que se iniciou a atividade educativa no país, com a chegada dos Jesuítas em 1549, voltada, fundamentalmente, para a aculturação da população ameríndia, por intermédio do Ratio Studiorum que se baseava nos estudos clássicos. “Ao ministrarem aos índios, já adultos, as primeiras noções da religião católica, bem como da cultura ocidental”, como afirmava Fernando Azevedo (1971, p.515), pode-se dizer que aí começava a educação de adultos no país. (ROMÃO e GADOTTI, 2007, p.63. apud: PAULA e OLIVEIRA, 2011, p.16)

Nesse período os jesuítas buscaram impor um sistema de ensino para os índios e escravos, com o intuito de propagar o evangelho, transferir normas de comportamento e ensinar ofícios necessários à economia colonial. Como atesta FREIRE (1967, p.67) que “a nossa colonização foi, sobretudo, uma empreitada comercial. Os nossos colonizadores não tiveram — e dificilmente poderiam ter tido — intenção de criar, na terra descoberta, uma civilização. Interessava-lhes a exploração comercial da terra.”.

Em 1759, os jesuítas foram expulsos, mas o sistema educacional já estava desorganizado, apesar dos duzentos anos de colonização. Com a chegada da família real ao Brasil, “[...] o novo cenário político não consolidou na educação um sistema diferenciado”. (PAULA e OLIVEIRA, 2011, p.16)

Somente por volta do século XIX, a educação de adultos passou a ser pensada, devido a Primeira Constituição Brasileira de 1824, que assegurava o direito “a instrução primária e gratuita para todos os cidadãos” (art. 179), incluindo-se, portanto, os jovens e adultos. Mesmo com a lei, a instrução primária não se consolidou, pois “[...] na prática nada foi implementado para se atingir este alvo”. (ROMÃO e GADOTTI, 2007, p.64. apud: PAULA e OLIVEIRA, 2011, p.16).

Nas primeiras décadas do período republicano quase não houve mudanças perceptíveis no cenário da educação de adultos. Já que a educação era responsabilidade dos estados e municípios, o que não favorecia o crescimento de um sistema educacional organizado e forte, especialmente quando considerado o período da República Velha.

Romão e Gadotti apud Paula e Oliveira, completam este pensamento, afirmando que:

Durante todo o período imperial, a educação de adultos ficou por conta das diferentes províncias que tinham que arcar com, praticamente, todo o ensino das primeiras letras. Por isso o Brasil chega ao fim do império com cerca de 85% de sua população analfabeta. (ROMÃO e GADOTTI, 2007, p.64. apud PAULA e OLIVEIRA, 2011, p.17)

Da República Velha para a década de 1940, conta dos elevados índices de analfabetismo, o Estado passou a ser responsável pela educação, criando políticas educacionais mais efetivas e de qualidade, no sentido de combater esse déficit. Justamente neste período, por volta de 1946, o Estado criou várias campanhas destinadas à erradicação do analfabetismo, visto como uma “doença a ser curada”, criando a 1ª Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, implementada pelo professor Lourenço Filho, voltada à alfabetização, à formação profissional e o desenvolvimento comunitário. Organizadas da seguinte forma: três meses para alfabetização inicial, sete meses para a pós-alfabetização e sete meses para estudos equivalentes às quatro series iniciais do ensino primário. Consolidando mais tarde no país o “ensino supletivo”, presente até os dias de hoje na educação de Jovens e Adultos. O período de 1958 a 1964 é marcado pelo avanço de movimentos no âmbito das políticas sociais. Pois neste período, buscou-se romper com os métodos antigos, na tentativa de renovar os métodos e os processos educativos, e por sua vez,

o analfabetismo deixa de ser entendido como pretexto e passa a ser entendido como um dos efeitos do subdesenvolvimento e das desigualdades socioeconômicas. (PAULA E OLIVEIRA, 2011)

O que ocasiona no país uma nova visão sobre a educação de Adultos, liderada pelas contribuições de Paulo Freire, que visava uma educação conscientizadora e emancipadora, capaz de preparar os jovens e adultos para participar da vida política do país, resgatando e valorizando a cultura popular. Freire apresentava um novo contexto, pois observou que os métodos utilizados na alfabetização de adultos eram os mesmos usados para alfabetizar crianças, e considerava pedagogicamente inadequado.

No Brasil, Paulo Freire colaborou de forma significativa no período das reflexões acerca das concepções pedagógicas como um todo e, principalmente, no campo da EJA, desenvolvendo teorias e metodologias que revolucionaram a educação brasileira. Suas teorias revelaram a especificidade da educação de jovens e adultos, implantando questionamentos e reflexões centradas no diálogo, cunhando um novo modelo de educação, o da educação libertadora ou popular.

Como comenta Francisco C. Weffort, no prefácio de “Educação Como Prática da Liberdade”:

A grande preocupação de Paulo Freire é a mesma de toda a pedagogia moderna: “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”. Nas linhas de sua filosofia existencial sua única exigência específica, e esta exigência define claramente os termos do problema, é que “teria o homem brasileiro de ganhar esta responsabilidade social e política, existindo essa responsabilidade”. (FREIRE, 1967, p.12)

Mas, devido à ditadura militar, em 1967 esse novo método de educação defendido por Freire, com ações em seu sentido ético, político e humanizador, sofre uma ruptura, atribuindo à educação escolar um caráter moralista e disciplinador, e a EJA assume uma posição mais assistencialista, do qual a expressão máxima foi o Movimento de Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). (PAULA E OLIVEIRA, 2011)

O MOBRAL foi criado com a finalidade de introduzir os marginalizados no sistema educacional, no intuito de erradicar o analfabetismo e por outro lado, satisfazer os objetivos políticos dos governantes militares.

Essas atividades em sua fase inicial atingirão os objetivos em dois períodos sucessivos de 4 (quatro) anos, o primeiro destinados a adolescentes e adultos analfabetos até 30 (trinta) anos, e o segundo, aos analfabetos de mais de 30 (trinta) anos de idade. Após esses dois períodos, a educação continuada de adultos prosseguirá de maneira constante e sem discriminação etária. (BRASIL, 1967)

O MOBRAL adotava o método de ler e escrever, centrado em leituras de cartazes, fichas, família silábica, porém as práticas pedagógicas não eram baseadas no diálogo e nem na realidade dos alunos, metodologias fundamentais no método de Paulo Freire, que visava, além de ensinar a ler a escrever, tinha também, a intenção de formar cidadãos capazes de consumir e adequar-se as novas formas de produção. Em 1985, o MOBRAL foi substituído pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Educar, que apoiava a alfabetização de EJA, propondo técnicas e iniciativas inovadoras desempenhadas pelas prefeituras municipais e organizações da sociedade.

A EDUCAR tem como objetivo promover execução de programas de alfabetização e de educação básica não-formais, destinados aos que não tiveram acesso à escola ou que dela foram excluídos prematuramente. (Fundação Educar, 1986).

Somente em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, o estado passou a dar mais importância para a educação de jovens e adultos. Em 1990, o governo Collor extinguiu a Fundação Educar, como uma medida de redução de gastos administrativos e a extração de subsídios estatais. Medida que significou a transferência dos programas de alfabetização de jovens e adultos, até então, cargo do estado, para a responsabilidade dos municípios. Já em 1996, foi criada a Alfabetização Solidária, vista como uma das mais importantes ações educacionais de jovens e adultos, buscando transformações educacionais, por meio de recursos e práticas pedagógicas adequadas, com o apoio de Universidades, empresas, prefeituras e sociedade civil.

Finalmente, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, passou a considerar a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de ensino, deixando de ser classificada como ensino supletivo, e denominada como EJA, incluída na LDB 9.394/96, artigo 37, que define a Educação de Jovens e Adultos como “a educação destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

A educação de jovens e adultos passou a ser vista como uma modalidade própria, no qual o seu planejamento deve acontecer de acordo com a necessidade de seus sujeitos, levando em consideração os déficits e as potencialidades de cada aluno, buscando empregar em sala de aula o melhor método no processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, a EJA vem se constituindo através de anos, marcada por fragilidades e descontinuidades que foram importantes para o processo de composição no âmbito do sistema nacional de educação. Sendo que a busca por uma concepção progressista, inclusiva e

solidária de educação, renovada em suas bases culturais, sociais e estruturais, exige compromisso público e comprometimento para garantir os direitos educativos em plenitude. (PAULA E OLIVEIRA, 2011)

Além disso, a partir de 1996, devido à origem e a concretização dos fóruns de EJA, a mobilização e os debates em torno das políticas públicas voltadas a esse segmento específico da população, passaram a fazer parte dessa história. E desde a promulgação da LDBEN, as reformas educacionais no Brasil, ganharam destaque em suas concepções e implicações. (PAULA E OLIVEIRA, 2011)

Devido à luta dos educadores por uma educação de qualidade, destaca a importância da valorização da educação de jovens e adultos, desempenhada pela V Confitea, realizada em Hamburgo no ano de 1997, com a presença de 170 países, no qual foram assumidos compromissos em defesa dos direitos dos cidadãos de todo o planeta.

O artigo 2 da Declaração de Hamburgo, ressalta que:

A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. (UNESCO, 1997, p. 21)

Paula e Oliveira (2011) destacam a importância da conferência de Hamburgo para a EJA:

Passou a ser um marco referencial conceitual e legislativo para profissionais e instituições, além de sistemas que desenvolvem projetos e programas de alfabetização e de escolarização de jovens e adultos, que já vinham se comprometendo com a construção de uma realidade educacional mais progressista e plural. (PAULA e OLIVEIRA, 2011, p.25)

Assim, devido à conferência de Hamburgo, a Educação de Jovens e Adultos, passou a ser entendida como a educação para todos ao longo da vida, capaz de moldar à identidade e dar um significado à vida dos alunos.

O art. 3 da Declaração de Hamburgo define a educação ofertada aos adultos:

A educação ao longo da vida implica repensar o conteúdo que reflita certos fatores, como idade, igualdade entre os sexos, necessidades especiais, idioma, cultura e disparidades econômicas. Engloba todo o processo de aprendizagem formal e informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade

multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (Unesco, 1997. p.19-20).

PAULA e OLIVEIRA (2011, p. 19) afirmam que a EJA, “[...] na primeira metade dos anos 2000, caminhou em duas grandes frentes: uma que reúne um conjunto de ações de governo e outro que reúne ações da sociedade civil organizada e dos movimentos populares”.

Já que a EJA, era vista como uma modalidade de ensino apta para a qualificação de jovens e adultos, na vida pessoal, profissional e a participação social, foi necessária desenvolver documentos que orientam o funcionamento institucional curricular e pedagógico da EJA, para que os objetivos fossem alcançados, como: LDBEN 9394/96; Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172/2001 (Brasil, 2001); e mais recentemente, a realização da IV Confitea, em Belém do Pará, e o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação- Fundeb, Lei nº 11.494/2007, que passou a destinar para a EJA recursos vinculados, iniciando, assim, esfera do financiamento, a viabilidade e a integração dessa modalidade de ensino no âmbito dos sistemas. (PAULA e OLIVEIRA, 2011)

Os documentos oficiais citados, elaborados pelo governo, são vistos como ferramentas estruturantes e condicionantes internos da educação nacional, e consecutivamente, da Educação de Jovens e Adultos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos-Parecer CEB/CNE nº11/2000 (Brasil, 2000), também ressalta sua importância no campo da EJA. Pois é um documento que esclarece as dúvidas e inquietações sobre a EJA, destinadas às intencionalidades e interesses da educação nacional e, sobretudo, imprescindível para o funcionamento das práticas pedagógicas, destacando a relevância de cada disciplina na construção do conhecimento, presentes no processo de ensino e aprendizagem dos jovens e adultos. De modo que os cursos voltados para os jovens e adultos, devem oferecer aos alunos a probabilidade de expandir suas habilidades no processo de aprendizagem dos conteúdos escolares, aumentando a sua habilidade de consciência sobre a situação do mundo, tornando-os aptos a exercer seu papel na cidadania.

Já no ano de 2003, com presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, o MEC implanta o Programa Brasil Alfabetizado (PBA). Cujo objetivo era incitar medidas supletivas e redistribuídas, para sanar as disparidades de acesso e garantir a qualidade da alfabetização de jovens e adultos. Outra característica inovadora em 2004, do governo de Lula foi à criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), que passa por modificações em 2011, com a inserção da Secretaria de Inclusão (SECAD).

A Educação de Jovens e Adultos, de acordo com a Lei n.11.494./2007, os gastos são custeados pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). Porém, mesmo com os avanços das políticas públicas, os alunos da EJA apresentam o menor valor sendo hoje 0,7, enquanto as demais modalidades de ensino apresentam o valor básico de R\$1,00.

Art. 36. No 1º (primeiro) ano de vigência do Fundeb, as ponderações seguirão as seguintes especificações: XIV - educação de jovens e adultos com avaliação no processo - 0,70 (setenta centésimos); XV - educação de jovens e adultos integrada à educação profissional de nível médio, com avaliação no processo - 0,70 (setenta centésimos). (FUNDEB, 2007)

Visto que, a Educação desempenha o papel de construir um cidadão capaz de exercer sua função na sociedade moderna, no sentido de ser imprescindível para os alunos jovens, adultos e idosos a desenvolver suas capacidades e habilidades no ambiente escolar e na própria vida. Desse modo, a educação de jovens, adultos e idosos, representa uma nova oportunidade de ampliar o conhecimento de pessoas, de todas as idades. Pois a EJA, dar a oportunidade para adolescentes, jovens, adultos e idosos, atualizar seus conhecimentos, mostrar habilidades e ter acesso a novos níveis do trabalho e da cultura.

Apesar de todos os avanços que a EJA conquistou até os dias atuais, ainda não foram suficientes para sanar quase 500 anos de exclusão e equívoco. Pois as políticas públicas ainda veem os jovens, adultos e idosos de forma diferenciada, e propõem campanhas de alfabetização com métodos acelerados de escolarização, práticas pedagógicas infantilizadas, recursos diferenciados (inferior) das demais modalidades de ensino, materiais didáticos que refletem uma concepção assistencialista. De modo, que o “nosso desafio de alfabetizar os brasileiros ainda permanece” (PAULA E OLIVEIRA, 2011, p.21).

3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino importante na educação brasileira, destinada para atender as necessidades dos sujeitos que não tiveram a oportunidade de estudar na idade dita como adequada, devido a vários fatores, como trabalho, família, desmotivação, entre outros. Porém, devido à realidade de uma sociedade cada dia mais evoluída, sente a necessidade de retomar os estudos. Deste modo, o processo de ensino e aprendizagem na EJA, necessita de uma relação recíproca entre educador e educando, tornando o processo mais gratificante.

Recentemente, devido às novas ações sociais, fica cada dia mais evidente a importância do professor, e carece que esses formadores estejam aptos para atuar nesta modalidade, e empenhar-se em suprir as dificuldades, para garantir a qualidade de uma boa educação, que garanta a permanência dos alunos na escola. Porém, esta temática necessita de uma discussão especial, voltada a formação docente, pois mesmo com vários avanços a modalidade ainda enfrenta vários desafios, principalmente, devido à falta de preocupação e prioridade das relações públicas e ações governamentais voltadas para esse público.

No processo de ensino e aprendizagem o professor não utiliza um único método, uma única forma, eles optam por diferentes metodologias que variam de acordo com as particularidades da instituição ou com a necessidade do educando. No campo da Educação de Jovens e Adultos, as práticas pedagógicas devem ser pensadas e repensadas, visto que o alunado da EJA possuem qualidades distintas daqueles que frequentam o ensino regular, logo necessita de práticas pedagógicas diferenciadas, que contemplem a totalidade desses alunos.

Paulo Freire marcou a Educação de Jovens e Adultos, e sua metodologia visava uma educação democrática e libertadora. Considerada como uma teoria do conhecimento, essa metodologia não visava apenas o ensino, mas era pautada no conhecimento dos alunos, extraídos do cotidiano, e só depois os alunos são submetidos aos conteúdos escolares, e alega que:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 1987.p.45).

O ensino na EJA deve estar fomentado para despertar o senso crítico, reflexivo dos alunos, pautado no diálogo. De modo que o professor deve empregar as características de vida dos seus alunos, suas vivências, no processo de ensino e aprendizagem. Portanto o

diálogo é imprescindível nesse processo, pois possibilita ao docente conhecer seus alunos, proporcionando o desenvolvimento de uma educação baseada na interação entre educador e educando, como ratifica FREIRE (1987, p.79) que “O educador já não é mais o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”.

Deste modo, sabemos que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é arraigada de problemas que vão desde as condições escolares, que não oferece um ambiente adequado para os alunos, à falta de materiais didáticos, profissionais improvisados e, principalmente, às práticas pedagógicas empregadas no processo de ensino e aprendizagem, que não despertam o interesse dos alunos e, conseqüentemente, provoca evasão escolar. Visto que, a modalidade de ensino da EJA, apesar dos avanços, é desmerecida pelos órgãos públicos e tratada numa perspectiva compensatória.

Vera Capucho (2012) coloca que:

A educação de Jovens e Adultos, diferentemente da educação de crianças e adolescentes, se efetiva em diferentes espaços/tempos. Os cenários são múltiplos e na maioria das vezes precários, em escolas, empresas, templos religiosos, penitenciárias, unidades socioeducativas, canteiros de obra, acampamentos e assentamentos rurais, ocupações urbanas, hospitais, apenas para citar os espaços mais comuns. (CAPUCHO, 2012, p.65)

Pois a sociedade tem uma visão de que os alunos da EJA não querem saber de nada, e necessariamente não precisam de um ensino de qualidade. ARROYO (2011, p. 23) ressalta que “por décadas, o olhar escolar os enxergou apenas em suas trajetórias escolares truncadas: alunos evadidos, reprovados, defasados, alunos com problemas de frequência, de aprendizagem [...]”. Inclusive os mais jovens, em geral carregam a fama de serem desinteressados e bagunceiros. O que enfatiza a negação e a exclusão dos direitos dos Jovens, Adultos e Idosos, que não puderam concluir os estudos, e acaba aflorando vergonha e culpa por não possuírem conhecimentos ou por não se esforçar o bastante para permanecerem na escola.

No processo de ensino e aprendizagem da EJA, um dos grandes desafios, “[...] consiste em compreender as múltiplas identidades de seus educandos e perceber que eles atuam segundo o contexto e as condições”, os docentes, devem considerar os múltiplos sujeitos envolvidos, que necessariamente carece de metodologias diferenciadas, que respeite as diferenças e a diversidades dos sujeitos envolvidos. Já que a EJA é uma modalidade de ensino muito complexa, uma vez que é complicado compreendê-la na sua multiplicidade,

vista pelo viés social, cultural e econômico. Não como desigualdade, mas sim como diversidade. (PAULA E OLIVEIRA, 2011, p.45)

Esta observação faz lembrar que a ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou "vacionado" apenas para tarefas e funções "desqualificadas" nos segmentos de mercado. Muitos destes jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, dentro dos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura de cordel, o teatro popular, o cancionero regional, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas e os registros de memória das culturas afro-brasileira e indígena. (PARECER, 2000, p. 05)

Visto que, os sujeitos envolvidos na EJA são diferentes dos alunos do ensino regular. Os alunos da EJA, não buscam na escola apenas noções de leitura e escrita. Esses sujeitos ingressam na escola em busca de superar suas dificuldades e carências, e ao chegarem aos espaços educacionais, trazem consigo seus conhecimentos já estabelecidos sobre crenças, valores, preconceitos e dificuldades, adquiridos ao longo da vida. O que dificulta o papel do educador, que precisa inovar suas aulas para despertar o interesse dos alunos, atuando como um mediador entre o conhecimento e o aluno, motivando-os para alcançar seus objetivos.

Juarez Dayrell salienta que:

[...] Ao se referir à “educação”, está implícito que a tradição da EJA sempre foi muito mais ampla que o “ensino”, não se reduzindo à escolarização, à transmissão de conteúdos, mas dizendo respeito aos processos educativos amplos relacionados à formação humana, como sempre deixou muito claro Paulo Freire. (DAYRELL, 2011, p. 53)

De modo que, os professores devem atuar não como mero transmissor de conhecimento, e sim adequar-se a realidade de seus alunos, buscando “[...] práticas educativas diversificadas, flexíveis e inclusivas, para aqueles que não tiveram a oportunidade de fazê-lo em idade própria [...]”. (PAULA e OLIVEIRA, 2011, p.48)

Desde 1950, no Brasil se discute sobre as metodologias da EJA,

Quando Paulo Freire, em Pernambuco, e Moacir de Góes, no Rio Grande do Norte, começaram a desenvolver seus trabalhos de alfabetização, fundamentados em métodos e objetivos que buscavam adequar o trabalho à especificidade dos alunos, começou a emergir a consciência de que alfabetizar adultos requeria o desenvolvimento de um trabalho diferente daquele destinado às crianças nas escolas regulares. As necessidades e possibilidades daqueles educandos exigiam o desenvolvimento de propostas adequadas a elas. (OLIVEIRA, 2007, p.85. apud: CAPUCHO, 2012, p. 96-97)

Porém, a falta de formação específica para professores que atuam na EJA prejudicam o processo de ensino e aprendizagem, pois os mesmos não estão aptos para desenvolver aulas atrativas e motivadoras que ajude os alunos a sanar com suas dificuldades e carências. Pois as formações continuadas oferecidas para os professores que atuam na EJA é a mesma ofertada para os profissionais que atuam em outras modalidades de ensino. É não há uma formação destinada para os professores e por algum motivo passam a lecionar na EJA. Visto que, necessitam de uma formação específica, diferenciada, porém, não é isto que acontece na prática, e vão adaptando suas aulas de acordo com as necessidades, e não estão suficientemente aptos para a docência na EJA.

Vera Capucho (2012) ressalta que:

A problematização da formação de professores (as) para atuação na Educação de Jovens e Adultos tem revelado não terem os profissionais dessa modalidade, em sua maioria, habilitação específica para tal, trazendo em sua prática as marcas da precarização e, embora a despeito da sua criatividade e compromisso, tem sua docência constituída na improvisação e no aligeiramento. (CAPUCHO, 2012, p. 65)

A Educação de Jovens e Adultos demanda que seus profissionais atuem com um olhar diferenciado para a necessidade de seus alunos em sala de aula, buscando práticas pedagógicas adequadas as diferentes faixas etárias. E nota-se que, muitos docentes pensam apenas em cumprir a carga horária, “[...] e que os alunos exigem menos do professor, que sobre a EJA recaem menos cobrança faz com que alguns profissionais arrisquem-se a improvisar a docência neste campo”. (CAPUCHO, 2011, p.68)

Por outro lado, os docentes que optam por atuar na EJA em busca de mudanças, deparam-se com um ambiente totalmente desfavorável para o processo de ensino e aprendizagem, pois apesar dos avanços obtidos ao longo do tempo, a modalidade de ensino de Jovens e Adultos, ainda permanece desmerecida pelos órgãos públicos, dificultando o trabalho dos docentes pela falta de materiais adequados, como um simples apagador.

FERREIRA, 2008, p.135. apud CAPUCHO, 2012, p. 69, ressalta que, “o Poder Público dispensa a esse segmento um tratamento marginal, relegando-o assim, como a modalidade à qual ele pertence, a uma posição inferiorizada na hierarquia educacional”.

Visto que a Lei de Diretrizes e Bases estabelece no Art. 4º, inciso VII que é responsabilidade do Estado “a oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”. A LDB ainda assegura, no Art. 37, inciso II, que “o Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a

permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”. (LDB 9394/96) No entanto, o que se percebe é que o poder público tem assegurado apenas o acesso desses indivíduos na escola, mas não a sua permanência, uma vez que os índices de evasão têm sido muito altos, e a escola não providencia nenhuma estratégia para solucionar este problema.

De fato, as instituições não ofertam um espaço favorável para a permanência dos alunos na escola, em relação à infraestrutura e a metodologia pedagógica. Pois, as aulas são ministradas de forma mecânica e repetitiva, o que pode estar contribuindo para desanimar estes alunos e para a permanência destes na escola. Além disso, o espaço físico e os materiais (melhor dizendo, a falta deles) também são fatores relevantes para justificar a grande evasão desses sujeitos.

Uma das causas da evasão ocorre pelo fato da escola não suprir as expectativas dos alunos da EJA, pelo fato de não pensar em práticas pedagógicas pertinentes ao ensino e aprendizagem de diferentes sujeitos, etapas e espaço em que a EJA atua.

Como assevera CAPUCHO (2012, p.97):

Esses (as) estudantes têm o direito ao conhecimento historicamente produzido, e, segundo, por apresentarem marcas de insucessos no processo escolar, e, conseqüentemente, fragilidades, e também por serem as práticas pedagógicas pouco significativas um dos fatores que ocasionam a evasão escolar.

Assim, apesar das leis que asseguram uma educação de qualidade e com condições adequadas, que contribuam para o processo de ensino e aprendizagem, os órgãos públicos colaboram apenas para aqueles que já contêm condições materiais de vida assegurados, dando importância apenas para os índices educacionais, que são mais importantes do que os processos educativos.

3.1 O Educador da EJA e seus desafios

O trabalho do educador na educação de Jovens e Adultos é árduo, complicado e desafiador, pois envolve várias questões relacionadas à educação, diferenciada da educação para crianças e adolescentes no ensino regular.

Um dos maiores desafios dos educadores, que na maioria, são formados para lecionar no ensino regular e por algum motivo passam a atuar na modalidade de ensino da

EJA. Alguns mediadores da aprendizagem, outros, pelo contrário, não estão preparados para lecionar nesta modalidade de ensino. Em geral, são profissionais que não possuem formação específica ou recebem uma formação aligeirada e insuficiente para atuar na EJA, e acabam empregando métodos inadequados, que contribuem para a falta de interesse dos educandos, tornando o aprender exaustivo e desmotivador, e conseqüentemente, aumentando os índices de repetências e evasão escolar. Índices que comprovam que a escola e os interesses dos alunos não estão em sintonia.

Dessa forma, escola e professores têm sido chamados a repensar suas propostas (organização do conhecimento, da estrutura da escola e das relações), tradicionalmente organizadas para o atendimento à infância e à adolescência. (PAULA e OLIVEIRA, 2011, p.60)

Deste modo, o professor necessita conhecer bem o público que destina suas aulas, potencializar habilidades e competências para que os alunos da EJA estejam aptos para a vida e para o contexto em que estão inseridos. Os professores devem conhecer a realidade dos alunos, conhecendo suas expectativas, sua cultura e suas necessidades de aprendizagem e de vida. (CAPUCHO, 2012)

No seu artigo, “Juventude, Produção Cultural e Educação de Jovens e Adultos”, Juarez Dayrell discute que:

A escola e seus profissionais que desejem estabelecer um diálogo com as novas gerações deverão de mexer, sair do lugar. Um dos caminhos apontados é reconhecer os jovens (e os adultos) com os quais trabalham, construir o seu perfil, descobrir como eles constroem um determinado modo de ser jovem. (DAYRELL, 2011, p. 11)

Visto que, os alunos da EJA ao retornarem para a escola, trazem consigo uma bagagem intelectual e cultural já estabelecido, e que devem ser trabalhados em sala de aula pelos professores. Porém os educadores, muitas vezes preocupados em cumprir os conteúdos curriculares, desprezam o rico conhecimento prévio dos seus alunos. Pois não estão aptos para atuar nesta modalidade, devido à falta de formação específica para educadores que atuam na EJA. Já que, possuem formação apenas para lecionar nas modalidades de ensino “normal”.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (2000) ressalta que esta modalidade de ensino tem “uma necessidade de formação específica para atuação na área”. Porém, a formação continuada ofertada para os professores que atuam na EJA, é a mesma destinada aos professores que trabalham no ensino regular, já que são os mesmos professores. E, não há uma formação específica para os professores que atuam na

Educação de Jovens e Adultos, apesar de ser assegurada pelas leis, isso não acontece na prática.

Vera Capucho (2012, p. 66) discorre que “a maioria dos professores atuantes nos sistemas municipais, estaduais e também no sistema prisional em turmas de EJA nunca recebeu formação específica para a função que exerce”.

Já Paula e Oliveira (2011) ressaltam que nesta modalidade de ensino é pequeno o número de iniciativas de formação de professores para atuar com a especificidade desse público.

Nesse contexto, vemos que a formação continuada é importante, principalmente, para os professores da EJA, pois os mesmos tem a oportunidade de rever suas práticas pedagógicas, espaço propício para aprender e reconstruir seus saberes, trocar experiências e, sobretudo, assumir a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e pessoal, num desafio constante de renovar seus conhecimentos e buscar novas táticas de ação, para estabelecer novos saberes docente e restabelecer sua prática. Dessa forma, os professores tornam-se aptos para empregar práticas pedagógicas adequadas aos alunos da EJA, que busque formar sujeitos aptos para atuar na sociedade em que estão inseridos.

Lúcia Helena (2011) em seu texto intitulado “Escola, cultura juvenil e alfabetização: lições da experiência” salienta que um dos motivos que causa o desinteresse dos alunos, são as atividades escolares sem sentidos.

Freire (1996, p.22), nos profere que o papel do educador em sala de aula, não é simplesmente “[...] transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Deste modo, nós como professores formadores de cidadãos críticos, devemos rever nossas práticas pedagógicas usadas em sala de aula, levando os mesmos a fazerem parte do processo de construção de conhecimento e não apenas depositar conteúdos sem informação crítica. Contudo, se faz necessário, compreender a educação de Jovens e Adultos não como mero depósito de conhecimentos, e não se prender, simplesmente, as disciplinas do currículo escolar, pautadas em ler, escrever e resolver cálculos de modo repetitivo e facilitador, como forma de garantir o conhecimento. E sim, “utilizar métodos e técnicas que contemplem códigos e linguagens apropriadas às situações específicas de aprendizagem”. (Brasil, 2000).

Freire (1996) alerta que o educador deve partir das experiências do aluno, seja ela qual for, pois partindo dos saberes de percepções e linguagem do mesmo e não da nossa, procuramos, com eles, atingir um nível de compreensão e expressão da realidade com os conteúdos ensinados de forma mais.

De modo, que os alunos da EJA são diferentes, e necessitam de uma educação especial, independente de ter ou não uma deficiência física. Já que, alguns desses alunos vão para a escola, após um dia de serviço, sua mente já está cansada, ao contrário de uma criança que não trabalha e não possuem obrigações com a família, o que faz necessário mudarmos nossas práticas pedagógicas, e nos desprendermos ao modismo, pois,

[...] a moda não é o modo, mas apenas uma escolha, num modo, ou fora dele, daquilo que é previamente escolhido como comportamento a adotar. O modo é a forma como as coisas se dão ou se podem dar dentro de uma lógica existencial. A moda é instrumental a preocupações interesseiras, tendentes a falsear essa lógica existencial. (SANTOS, 1998, p.17 apud CAPUCHO, 2012, p.85)

Outro fator importante a ser ressaltado, é a falta de materiais pedagógicos para auxiliar os professores no processo de ensino e aprendizagem. A priori, se percebe que a escola observada não oferece materiais, como um simples apagador, os recursos didáticos utilizados na aula são escassos, e não há materiais específicos para esse público, o que dificulta, ainda mais, o trabalho do professor. As aulas, na maioria das vezes, são ministradas apenas com o auxílio de quadro negro e giz, e não se faz uso de recursos tecnológicos, apesar de a escola possuir alguns, como Datashow.

Vale ressaltar, contudo, que não é nosso objetivo culpar os professores pelos fracassos no processo de ensino e aprendizagem e a não permanência dos alunos na escola, mas sim, mostrar as dificuldades que ainda existem na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, e que contribuem para a desmotivação dos alunos e, conseqüentemente, levam para a desistência por conta das dificuldades encontradas. Desse modo, entendemos que é posto para os professores da EJA, um desafio complexo. Inovar suas aulas tornando-as atrativas e motivadoras para ajudar o aluno a superar suas dificuldades e carências, e isso não é tarefa fácil, devido à falta de formação, e os recursos pedagógicos como já foi exposto.

3.2. O Educando da EJA e suas dificuldades

A diversidade de sujeitos presentes na EJA é uma das características central e altamente definidora desta modalidade de ensino. São alunos com realidades diferentes, pois vivem num mundo de trabalho, família, grupos, com reponsabilidades, tanto sociais como familiares. Os jovens, adultos e idosos, ou seja, o educando da EJA, carrega uma realidade

social, com valores morais e éticos já estabelecidos a partir das experiências de mundo, e voltam para a escola em busca de uma condição de vida mais digna, por meio do processo de aprendizagem.

Paula e Oliveira (2011) enfatizam que “uma significativa parcela de jovens e adultos busca conciliar suas atividades profissionais com o estudo. No entanto, esse segmento é duramente atingido pela precarização do trabalho, baixos salários e desemprego”. Deste modo, quando o educador dar início ao processo de ensino e aprendizagem, o mesmo não está perante meros expectadores, que buscam somente aprender, mas de pessoas que sobrevivem em momentos e situações de dificuldades, desânimos e acima de tudo, buscam melhorar de vida. Já que, “muitos desses homens e mulheres permanecem na economia informal ou em subempregos por falta de qualificação ou de oportunidades [...]”. (PAULA e OLIVEIRA, 2011, p.52)

Nota-se que, devido às transformações ocorridas na sociedade, o retorno de alunos para a escola vem aumentando, alunos que buscam a escola para aumentar os conhecimentos que já possuem, e sobre tudo, se preparar para melhores lugares no mercado de trabalho, pois, no mundo atual em que vivemos, não há mais possibilidade de se manter inserido no mercado de trabalho sem ser escolarizado. Segundo Paula e Oliveira (2011, p. 47) sujeitos com “trajetórias educacionais irregulares, marcadas por interrupções e reingressos em idade mais avançada, acrescidas da responsabilidade de garantir sua sobrevivência e de suas famílias”.

Os alunos da EJA são diferentes, são pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram a vida escolar por diversos motivos, e chegam à escola sentindo-se incapaz e negando seu saber. Homens e mulheres que ao retornarem para os bancos da escola, chegam com crenças e valores já estabelecidos e mais abertos para à aprendizagem.

Diferenças que torna o papel do professor mais complicado, que deve buscar práticas pedagógicas que respeitem essas diferenças. Segundo Paulo Freire (1996) a prática pedagógica da sala de aula, deve ser pautada na vivência e saberes dos educandos, e não deve ser pensada para o educando, mas com o educando. A priori, o que se observa em sala de aula, é que as metodologias usadas no processo de ensino e aprendizagem na EJA, não supri as expectativas dos alunos.

Paula e Oliveira (2011) frisam que,

Educadores, gestores, e sistemas educacionais, alheios aos anseios, sonho e experiências juvenis, produzem e reproduzem modelos educacionais tradicionais e desinteressantes, que corroboram a noção de escola como lugar de estigmas, de preconceitos e de desrespeito. (p.79)

Metodologias que não contribuem para a formação de um sujeito crítico, reflexivo, participativo e autônomo, e contribui para a desmotivação do aluno, que abandona a escola. Dessa forma, a educação não é apenas cumprir as disciplinas que constam no currículo, como ler, escrever, e realizar cálculos, pautados no currículo destinado para crianças e adolescentes, mas sim, desenvolver as competências de analisar, refletir, transformar o conhecimento e saber fazer o uso social desses saberes.

Luiz Alberto Oliveira Gonçalves (2011), no seu texto “Juventude, lazer, e vulnerabilidade social”, discute que “Nem sempre os profissionais e estudiosos das políticas e práticas voltadas para a juventude e a vida adulta consideram o papel social e político do lazer na vida e na construção das identidades dos sujeitos [...]”. (p.12)

Dessa forma, é desafiador para os professores o encargo de motivar o educando a ser autônomo, crítico, protagonista das decisões da sociedade e do ambiente em que o mesmo está inserido, ou seja, que prepare o aluno para ser um sujeito crítico, emancipados para atuar na sociedade. Paulo Freire (1996) ressalta que, esses alunos precisam ser conscientizados da sua condição de vida e de trabalho na sociedade em que estão inseridos, pois esse ato é um dos meios pelos quais lhes será possibilitada a participação na luta pela melhoria da vida.

Contudo, esses jovens, adultos e idosos que superam todas as dificuldades, através da aprendizagem formal, segundo Paulo Freire (1996) que busca a libertação através da sua práxis pela necessidade do conhecimento e reconhecimento de lutar por ela, esses, vivem num contexto de condições precárias relacionadas à saúde, alimentação, moradia, trabalho.

Outra questão que deve ser destacada em relação às dificuldades encontradas pelos alunos da EJA, são os motivos que os levam a interromper os estudos, motivos que aumentam os níveis de evasão escolar. Segundo os relatos dos alunos, eles deixam a escola por diversos motivos, como trabalho, horários incompatíveis com a escola, cansaço físico, ou pelo fato de que a escola não satisfaz as expectativas dos alunos. Muitos desses alunos, ao retornarem à escola, estão com autoestima baixa, que muitas das vezes são marginalizados, discriminados pela sociedade na qual estão inseridos, sentindo-se incapazes de aprender. E cabe ao professor planejar práticas pedagógicas para incentivar, estimular os alunos a buscar o conhecimento. Pois a autoestima do educando, é crucial para esse processo, que o impulsiona a superar todas as dificuldades e vencer todos os desafios na busca de seus objetivos.

A falta de material didático, também contribui para as dificuldades encontradas no processo de ensino- aprendizagem dos alunos. De modo, que as aulas ficam restringidas somente ao uso de giz e quadro negro, e as atividades são realizadas somente em sala de aula.

Também não se reúnem em grupos em outros espaços e não tem o hábito de ler, o que dificulta a formação do sujeito crítico, e conseqüentemente, sobressai à timidez, que impede os alunos de socializar suas ideias, dificultando, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

Paulo Freire (1967) verbaliza que:

Nada ou quase nada existe em nossa educação, que desenvolva no nosso estudante o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos “achados” — o que implicaria no desenvolvimento da consciência transitivo-crítica. Pelo contrário, a sua perigosa superposição à realidade intensifica no nosso estudante a sua consciência ingênua. A própria posição da nossa escola, de modo geral acalentada ela mesma pela sonoridade da palavra, pela memorização dos trechos, pela desvinculação da realidade, pela tendência a reduzir os meios de aprendizagem às formas meramente nocionais, já é uma posição caracteristicamente ingênua. Cada vez mais nos convencemos, aliás, de se encontrarem na nossa inexperiência democrática, as raízes deste nosso gosto da palavra ôca. Do verbo. Da ênfase nos discursos. Do torneio da frase. É que toda esta manifestação oratória, quase sempre também sem profundidade, revela, antes de tudo, uma atitude mental. Revela ausência de permeabilidade característica da consciência crítica. E é precisamente a criticidade a nota fundamental da mentalidade democrática. (FREIRE, 1967, p.95)

A escola destinada para alunos da EJA deve ser diferenciada, com conteúdos e práticas metodológicas pensadas para o desenvolvimento da aprendizagem, visto que, esses sujeitos ao retornarem a escola, trazem consigo experiências de vida e conhecimentos ainda que não sistematizados. Ou seja, esses sujeitos são letrados, porém não possuem instrução formal.

Porém, os conhecimentos de possuem não são suficientes para viver em uma sociedade moderna, dificultando o acesso a novas possibilidades, tornando-os incapazes de interagir com tudo que essa sociedade pode lhe oferecer. Uma das razões que os sujeitos da EJA, optam por retornar a escola, na busca de aprimorar seus conhecimentos, e adquirir novos saberes, valorizar sua imagem na sociedade, para contribuir na busca por empregos de maior remuneração, sendo aptos a competir em iguais condições com os outros sujeitos.

Face ao exposto, percebemos que a educação oferecida para esses sujeitos está muito aquém do que os alunos esperam, já que as metodologias usadas em sala de aula não despertam no educando a reflexão das suas realidades, enquanto sujeitos históricos e transformadores da sociedade.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antonio Carlos Gil (2002, p.17), define pesquisa como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão de resultados.

Com o intuito de conhecer a modalidade de ensino da Educação de Jovens, Adultos-EJA, o presente trabalho tem como objetivo investigar as práticas pedagógicas empregadas no processo de ensino-aprendizagem, no intuito de conhecer as metodologias usadas pelos docentes que atuam na EJA, as dificuldades e expectativas dos alunos frequentadores, os motivos que levaram os mesmos a retornarem para a escola, e as dificuldades encontradas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem.

Para obtenção desses objetivos levou a produzir uma pesquisa qualitativa, com observação, entrevista e questionários, corroborando com os estudos bibliográficos.

4.1 Local da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na escola Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha, nome este, dado em homenagem ao vigário da paróquia da cidade, fundada em 1974, e está situada na Rua Barão do Rio Branco centro da cidade de São Bernardo-Ma. A escola faz parte da rede municipal e funciona nos turnos matutino, vespertino (6º ano ao 9º) e noturno, este destinado especificamente para EJAI. A referida escola foi escolhida por oferecer o ensino fundamental II destinado à educação de jovens e adultos. Sendo que na cidade de São Bernardo apenas duas (2) escolas oferecem essa modalidade de ensino, incluída com a escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha.

A escola oferta a EJA da 1º a 4º etapa (1º ao 9º ano do ensino fundamental), com início das aulas às 19:00 até às 21:30, sendo ofertado de segunda-feira à sexta-feira. Considerada a maior da cidade, assim, possui em sua estrutura escolar quinze (15) salas de aula para atender alunos dos três períodos, 1 sala de professores, 1 secretaria, 1 sala de diretora, 1 sala de leitura, 1 coordenação, 1 sala para material didático, 1 dispensa para

armazenar material alimentício, 1 cozinha, 2 banheiros masculino e feminino com adaptações, 1 auditório com banheiros masculinos e femininos, 2 banheiros para o corpo de funcionários.

4.2. Tipo de pesquisa

O trabalho desenvolvido será de natureza exploratória. Antônio Carlos Gil (2002) afirma que:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2002, p.41)

Para alcançar os objetivos, o presente estudo optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa de caráter qualitativo, pois envolve a coleta de dados descritivos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, se preocupando em descrever a perspectiva dos participantes. Visto que a mesma possibilita ao pesquisador uma maior aproximação com o objeto estudado.

A pesquisa consiste em um estudo de campo, e os dados coletados são submetidos análise e interpretação de forma contextualizada. Gil (2002) ressalta que:

No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado (GIL, 2002, p.53).

Nesse tipo de estudo, a observação é um dos meios de coleta mais importante. Já que a mesma é uma atividade prática que possibilita compreender os aspectos importantes do ambiente. Gil (2002, p.53) atesta que “[...] basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo”.

Partindo desse pressuposto, a observação é uma etapa além de ser um momento de aprendizado, também é o momento em que surgem as indagações que proporciona um contato direto com o âmbito escolar, conhecendo as dificuldades, o conteúdo e as metodologias utilizadas, o planejamento, a relação professor-aluno e professor-coordenação, as dificuldades de aprendizagem e de relacionamento dos alunos. “Dessa forma, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”, já que serão através das

observações que buscaremos identificar, quais as práticas pedagógicas empregadas pelos professores em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem. (GIL, 2002, p.53)

Além das observações, o corpus desta pesquisa será obtido por meio de entrevistas informais, e aplicação de questionários com os alunos e professores da EJA, com o intuito de analisar as expectativas e dificuldades encontradas pelos alunos e também a motivação que os levou a retornarem à escola. A entrevista informal como fonte de informação nos fornecerá dados fundamentais para realização do trabalho, estratégia essa muito usada no trabalho de campo, para coletar informações com o objetivo de coletar as opiniões e pontos de vista dos alunos em relação às aulas ministradas pelos professores da EJA.

A pesquisa de campo deste trabalho será realizada em uma escola pública na cidade de São Bernardo. A Instituição concedente é à escola “Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha”, localizada na Rua Barão do Rio Branco, centro. Com o objetivo de analisar a realidade do ensino da EJA nas escolas públicas, evidenciando a necessidade de mudança, destacando os materiais didáticos usados em sala de aula, as dificuldades encontradas e principalmente as metodologias aplicadas em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem pelos docentes.

4.3. Sujeitos e amostra

A Instituição disponibiliza de 8 professores, apenas um mestre. Sendo que 5 são efetivos e 3 contratados. Além, de 1 interprete para o auxilio de alunos surdos.

A modalidade contém 5 turmas, que vão da 1º a 4º etapa. Distribuidas da seguinte forma: a 1º etapa (1º ao 3º ano), contém 8 alunos matriculados, com 1 professora para oferecer todas as disciplinas. A 2º etapa (4º e 5º ano), contém 14 alunos matriculados, com o auxilio de 1 professora e 1 interprete em sala de aula. A 3º etapa (6º e 7º ano), contém 45 alunos matriculados, com 5 professores para oferecer as disciplinas. A 4º etapa (8º e 9º ano), é subdividida em duas turmas: a 4º etapa A, com 51 alunos matriculados, e a 4º etapa B, com 45 alunos matriculados.

Os sujeitos da pesquisa realizada foram alunos pertencente às turmas de Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano-3º e 4º etapa) da escola Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha. Para a pesquisa foram selecionados alguns alunos para aplicação de

questionário fechado, por estes serem atuantes nas turmas de jovens e adultos, os quais preenchem os requisitos necessários aos resultados dessa pesquisa. E dois (2) professores atuantes nesta modalidade de ensino para aplicação do questionário.

4.4. Coleta de dados

No processo de coleta de dados, foram estudados os métodos mais adequados para esta pesquisa, para alcançar os objetivos proposto, de forma simplificada e segura. Deste modo, foi adequado para esta pesquisa à elaboração e aplicação de questionários para os alunos e professores da modalidade de ensino da EJA, juntamente com observação e entrevista informal.

As observações da pesquisa ocorrem nas turmas da terceira e quarta etapa da EJA (6º ao 9º ano) no período noturno, horário de funcionamento da EJA. Foram observadas 24 aulas, do período de 16 de Outubro a 05 de Dezembro de 2017, duas vezes por semana.

Além da observação das aulas, para completar as informações do estudo, foi aplicado um questionário para os alunos, no qual os mesmos puderam demonstrar suas preferências e opiniões sobre o assunto estudado. Gil (2008, p.121), define o questionário “[...] como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.”. O uso do questionário também nos permite traçar o perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa, de modo que as questões apresentem uma linguagem clara e objetiva, de forma a motivar a participação e o interesse dos sujeitos pesquisados. A aplicação do questionário nos proporcionou conhecer as opiniões, ideias, comportamentos, sobre a realidade vivida pelos sujeitos da EJA, elaboradas para aprofundar o conhecimento sobre o assunto da pesquisa em questão, sendo suficientes para aprofundar o assunto explorado.

Também foi realizada a aplicação de um questionário para dois (2) professores, os mesmos cujas aulas foram observadas.

Sendo assim, a coleta de dados por meio de questionários, entrevistas informais e observações do cotidiano da sala de aula, imprescindíveis para que seja possível uma reflexão dos dados obtidos, e a construção do debate entre as diferentes fontes, o que contribui com os objetivos que se almeja alcançar.

4.5 Resultados e discussões (análise de dados)

Nota-se por meio das observações e das respostas dos alunos e professores, que a Educação de Jovens e Adultos necessita de um olhar das políticas públicas, e várias questões carecem ser revistas para que as dificuldades enfrentadas sejam sanadas. Na escola observada os materiais didáticos são escassos, o incentivo administrativo/ político não vem ocorrendo, livros didáticos que fogem da realidade dos alunos e, práticas pedagógicas que afastam os alunos da escola. Pois a EJA está, sempre, em segundo plano, e não como uma continuação da educação infantil ou regular. As políticas educacionais não enxerga o alunado da EJA como um ser experiente, com uma vasta bagagem, que já vivenciou inúmeras histórias, que é um ser capaz de pensar, de opinar, mas que necessita ser lapidado.

Considerando a importância do ensino da EJA, acreditamos que este estudo irá contribuir para uma melhor visão de como é o trabalho realizado no ensino da EJA, uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não tiveram acesso ao ensino em idade correta. Esse estudo nos possibilitou observar as práticas pedagógicas usadas no processo de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), buscando compreender a importância que a mesma desempenha na vida dos alunos, além da importância do docente que atua nesta modalidade de ensino.

Os dados foram coletados na escola “Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha”, situada na Rua Barão do Rio Branco, na cidade de São Bernardo-Ma, com três (3) turmas do ensino fundamental. No primeiro momento da coleta de dados, foi realizada a observação e diálogos informais com professores e alunos. Após a observação, foi aplicado questionários para os professores e alunos da 3ª e 4ª etapa (6º ao 9ºano) do ensino fundamental. Os dados foram coletados com base na informação de dez (10) alunos e dois (2) professores pesquisados.

Em seguida os dados coletados foram analisados e interpretados, através da sistematização dos resultados com base no referencial teórico. Apresentamos os dados coletados, acompanhados da análise dos mesmos, distribuídos da seguinte forma:

4.5.1 Visão dos alunos em relação ao processo de ensino e aprendizagem na EJA

Neste tópico serão elucidadas as opiniões dos alunos sobre o processo de ensino e aprendizagem na EJA, questionando os mesmos sobre as práticas pedagógicas empregadas pelos professores, os motivos que os fizeram abandonar a escola, e os que fizeram retornar, por meio de um questionário com perguntas abertas, aplicado aos alunos. Participaram desta pesquisa, dez (10) alunos da 3º e 4º etapa do ensino fundamental. Os alunos participantes não serão nomeados para manter o sigilo dos mesmos.

A EJA proporciona ao seu alunado, a oportunidade de que os mesmos possuam a mínima condição para um futuro melhor. Porém a EJA, apesar dos avanços, ainda encontra muitos empasses que dificultam o processo de ensino e aprendizagem, como os altos níveis de evasão nas salas da EJA. Problema este, que afeta não apenas os alunos, mas os professores, a direção, devido à carência de alternativas para manter os alunos nos bancos escolares.

Vários fatores contribuem para a evasão desses indivíduos, como o cansaço de um dia inteiro de trabalho, professores que não estão aptos para atuar na EJA, e conseqüentemente, vem colaborando bastante para a exclusão desses sujeitos para atuar como sujeitos críticos na sociedade em que vivem. Outros abandonam a escola para a marginalidade, e outros, pela necessidade de trabalhar.

Ao questionar os alunos se os mesmos se arrependem em ter abandonado a escola e qual motivo os levaram. Notamos que 99% dos alunos mostraram arrependimento em ter abandonado os estudos e as causas de não ter concluído os estudos na idade tida como apropriada são várias, como: gravidez na adolescência, doença, falta de incentivo da família, exclusão na escola, trabalho, índice de reprovação e, pelas práticas pedagógicas, que não despertam o interesse dos alunos.

Porquê mim casei e fiquei grávida e tinha os filhos para cuidar. (Aluno da 4º etapa A)

Por que nunca tive acompanhamento na escola. (Aluno da 4º etapa A)

Por causa da família. Sempre mi colocava para baixo porque eu sou diferente para eles, ai eu saio da minha cidade ai não deu para continua na escola. (Aluno da 4º etapa B)

Porque sentia muita dor de cabeça (Aluno da 3º etapa)

Kkkk nunca parei de estudar. (Aluno da 4º etapa B)

Porque as aulas as vezes são chatas e dar sono. (Aluno da 3º etapa)

Quanto aos motivos que fizeram os alunos a ingressarem numa turma da EJA, a maioria responderam que é o desejo de concluir os estudos, outros pelas dificuldades encontradas numa sociedade moderna, pelo certificado, ou pela busca de um emprego melhor.

Porque eu quero muito terminar os meus estudos. (Aluno da 3º etapa)

Pela vontade de retomar os estudos e fazer a diferença na nossa sociedade. (Aluno da 4º etapa B)

Pela necessidade que apresenta no dia-a-dia. (Aluno da 4º etapa A)

A maioria desses alunos trabalham durante o dia e somente 2%_não trabalham. Por esta razão, foi perguntado aos alunos, se frequentavam as aulas por vontade própria/prazer, ou por obrigação. Dos alunos questionados, 98% relataram que frequentam as aulas por prazer, e 2% afirmam não ter prazer em frequentar as aulas, muitas vezes frequentam por obrigação ou por outros motivos, que pode ser o cansaço, desmotivação, problemas de saúde, como baixa visão, entre outros. Porém a sua “fome” por mudança faz com que esse aluno supere seus problemas e frequente as aulas, de modo que a assiduidade é um fator imprescindível para a aprovação deste aluno junto com seu rendimento.

Por vontade própria, prazer, pois o conhecimento mim fascina. (Aluno da 4º etapa A).

Muito prazer e satisfação, por ter uma segunda chance de estudar. (Aluno da 4º etapa B).

Por obrigação. (Aluno da 3º etapa).

E todos os alunos desejam continuar os estudos e fazer um curso com formação superior, ou seja, usar a educação como meio de mudança.

A EJA carece de uma dedicação especial por parte dos professores. De modo que os mesmos não devem ficar presos na aquisição do domínio de ler, escrever e contar. Mas, sobretudo na busca de formar sujeitos críticos, que busquem seus direitos na sociedade, cientes de seus direitos e deveres. Para isso, os professores precisam empregar em suas aulas, práticas pedagógicas que despertem o prazer dos alunos em frequentar as salas de aulas. Como ressalta Vera Capucho:

Os (as) professores (as) atuantes na EJA são convidados (as) pela urgência social e pelos mesmos arcos legais a favorecer a análise crítica e pelos mesmos arcos legais a favorecer a análise crítica dos preconceitos e promover a libertação dos mesmos. Isso significa possibilitar uma prática pedagógica compromissada com a ruptura do senso comum, e efetivada por meio da análise de contextos socioeconômicos concretos, que se conformam e se reproduzem socialmente. (CAPUCHO, 2012, p.126)

Quando questionados sobre as práticas pedagógicas empregadas pelos professores em sala de aula, alguns dos alunos afirmaram serem boas. Porém, alguns abordaram que os professores não suprem as suas expectativas.

Boas, cada um tem seu jeito de ensinar. (Aluno da 4º etapa A)

São boas, porque eles tem paciência para ensinar, porque a gente tava com um tempo sem estudar. (Aluno da 4º etapa B)

Gostei, conseguir aprender bastante. (Aluno da 4º etapa A)

Nem sempre agrada a todos, más eu não estou alir para questionalos e sim para aprender. (Aluno da 4º etapa B)

As vezes são boa. O professor chega e apenas escreve, só na outra aula que ele vai explicar um pouco. Isso se torna um pouco chato. (Aluno da 3º etapa)

Por meio das observações das práticas pedagógicas na escola campo, nota-se que as atividades de cópias são bem frequentes. O professor escreve a matéria no quadro para os alunos copiarem e depois de algum tempo acontece um debate junto sobre o que foi copiado, e a partir daí cobra-se para os alunos um exercício sobre determinada matéria vista, o que toma a maior parte do tempo das aulas, como mostra os registros de observação:

Correção do exercício, copiado na aula anterior no quadro. (Diário de observação, 17/10/2017).

A professora inicia a aula continuando um exercício, copiando no quadro branco. (Diário de observação, 14/11/2017).

A professora copia no quadro branco as questões e, após copiar o exercício a professora explica apenas uma questão, pois o horário termina. (Diário de observação, 28/11/2017).

As atividades estão, quase sempre, baseadas na cópia de conteúdos, na memorização e não numa aprendizagem significativa e permanente. Ficou bastante evidente, que os professores da EJA não instigam seus alunos a pensar, a questionar-se, em superar suas dificuldades, a despertar sua criticidade, a vontade de fazer parte de uma sociedade. Visto que

“[...] o processo de ensino e aprendizagem estava pautado muito mais na transmissão de conteúdos e menos na exploração dos potenciais e da vivência dos alunos.” (SILVA, 2010, p.62). O que, conseqüentemente, afastam esses alunos dos bancos escolares, provocando desinteresse, abandono, e evasão, devido às práticas pedagógicas usadas em sala de aula.

4.5.2 A visão dos professores em relação ao processo de ensino e aprendizagem

Neste tópico procuramos observar, por meio das observações da realidade escolar e do questionário ofertado aos professores da EJA, as dificuldades encontradas pelos docentes no processo de ensino e aprendizagem, as possíveis causas da evasão escolar, os motivos que os levaram a trabalhar na EJA, e as melhorias que a escola necessita.

No primeiro momento, foi perguntado aos professores o tempo que os mesmos atuam na EJA.

O professor A, respondeu que há *dez (10) anos*.

Já o professor B, respondeu que “é o seu primeiro ano nesta instituição, porém já teve outras experiências.”.

Os professores pesquisados possuem formação superior, e relatam que estão trabalhando na EJA devido à necessidade de professores nesta modalidade de ensino.

Necessidade da gestão municipal no enquadramento de profissionais neste segmento. (Professor A).

Primeiramente foi a lotação feita pela Sec. Educação, mas me identifiquei, pois é muito gratificante. (Professor B).

O que mais se percebe na EJA, é a improvisação de professores para atuar nesta modalidade de ensino. Visto que, quase sempre os professores atuantes nunca tiveram experiência na mesma e não trazem qualificação para tal. Pois, para atingir uma atuação pedagógica, é imprescindível, a conexão de teoria e prática, já que é por meio da vivência da prática que se alcança ao conhecimento de algo, teorizando-o. Como atesta Freire citação sobre teoria e pratica (1996, p.95) Dos professores pesquisados, somente o professor A respondeu se a Secretaria de Educação oferta formação continuada a seus professores diz *que*

a gestão atual oferece mensalmente a formação continuada, e que a mesma é ofertada satisfatoriamente aos seus professores.

A gestão atual de São Bernardo está administrando a cidade a menos de dois (2) anos, de modo que, nos anos passados os professores do município não estavam aptos para atuar na EJA, já que a Secretaria de Educação, não ofertava formação aos seus professores, e conseqüentemente, empregavam em suas aulas, práticas pedagógicas aligeiradas e facilitadoras, por serem leigos, “[...] que recebem uma formação aligeirada e insuficiente para o desafio que vivenciam nos espaços/tempos pedagógicos em que atuam nesta modalidade de ensino”, como assevera CAPUCHO (2012, p.66).

Sabemos que os materiais didáticos, não são imprescindíveis para o processo de ensino e aprendizagem, embora importantes. Sabemos que são apenas instrumentos facilitadores, para que a aprendizagem ocorra de forma mais significativa e não como elemento principal. Desta forma, cabe ao professor, planejar e escolher tais recursos, tendo em vista os objetivos que se pretender atingir, levando em consideração o conteúdo a ser abordado e a metodologia no processo de ensino e aprendizagem.

Observamos que, em alguns momentos das aulas os professores encontram escassez nos materiais didáticos, como um simples apagador ou pincel.

Falta de materiais essenciais na escola, como pincel (Diário de observação, 17/10/2017).

O professor imprimiu as atividades por conta própria, imprimiu em casa, pois a escola não disponibiliza. (Diário de observação, 13/11/2017).

Novamente, se percebe a falta de materiais básicos para o ensino, como apagador. O professor pediu uma folha usada para os alunos para apagar o quadro. (Diário de observação, 14/11/2017).

No questionário também foi explanado sobre os materiais de apoio e incentivo usados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem. O professor A respondeu, “não encontro nenhuma dificuldade. Busco material em sua maioria, fora da escola.”. Já o professor B, responde que “sim, pois o material oferecido é pouco, pois os livros são limitados.”.

Notamos que o professor A enfatiza que não encontra dificuldades na busca por materiais, mas o mesmo o busca fora da escola. Ou seja, os materiais fornecidos pelos órgãos são precários e não atendem as carências dos alunos. Visto que na prática docente da EJA a falta desses recursos aumenta os desafios encontrados nesta modalidade, já que os livros didáticos

nem sempre supri as necessidades que o alunado da EJA apresenta, o que requer dos docentes uma busca ou elaboração de atividades para o desenvolvimento de seus alunos.

O professor B, responde que encontra dificuldade na busca pelos materiais e que, “o material oferecido é pouco, pois os livros são limitados.”.

Observamos que a maioria das aulas do professor B acontece com auxílio do livro didático, emprestados pela escola para o manuseio durante as aulas e ao término da disciplina eles são devolvidos para serem utilizados na próxima turma. Mas, devido a vários motivos, como: livros resgados e jogados no lixo, alguns alunos levam os livros para suas casas, e não trazem para as aulas, fazem uso dos livros e deixam abandonados em qualquer lugar, entre outros. Deste modo, quando os professores vão utilizá-los, não são suficientes para todos os alunos, o que segundo a professora B prejudica o processo de ensino e aprendizagem.

Outro fator que destacamos por meio das observações do cotidiano escolar, foi o nível de evasão escolar. Percebemos que no início do ano, o nível de alunos matriculados são elevados. Alunos que realizam sua matrículas e frequentam as aulas por um terminado período, e alguns, acabam desistindo.

O professor A, ao ser questionado sobre o nível de evasão dos alunos em sua sala, ele afirma que “é menor de 50% e que os alunos abandonam a escola por falta de interesse, seguida da necessidade de trabalho.”. O professor B contesta que o nível de evasão “é acima de 50% e que em grande parte do alunado abandonam a escola, creio que seja o fato de já passarem o dia em outras obrigações como, serviço, família, fazendo com que fique cansativo a aula noturna, e alguns por falta de interesse.”.

Parte dos professores associa a evasão escolar, ao fator trabalho. Deste modo, o docente nesta modalidade de ensino deve resgatar o interesse dos alunos, empenhando-se em entender suas dificuldades, elaborando e reelaborando suas aulas com atividades significativas que ocasionem uma aprendizagem eficaz, que deve ir além de aulas teóricas, expositivas, com atividades mecânicas de memorização, que os mesmos supõe ser suficiente para o alunado da EJA.

Por fim, quando questionados sobre as melhorias que a escola necessita no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA. O professor A, responde que “a estrutura física (adaptação das janelas de forma que os mesmos não sejam objetos de descontração dos alunos), iluminação adequada e pelo menos ventiladores funcionais, coordenação pedagógica funcional e mais próxima (mais presente).”.

O professor B frisa que “a oferta de livros didáticos para cada aluno, pois sabemos que são escassos.”.

Contudo, vemos que a educação necessita de investimentos públicos, principalmente a EJA. Que se faz necessária um espaço físico adequado, com sala aulas com boa iluminação e ventilação, professores capacitados para atuar nesta modalidade de forma.

4.5.3 Práticas pedagógicas usadas no processo de ensino e aprendizagem na EJA

Neste tópico serão explanadas as práticas pedagógicas usadas no processo de ensino e aprendizagem, de acordo com as observações da realidade escolar e a aplicação de questionário.

O ensino da Educação de Jovens e Adultos deve ser pautado em métodos e técnicas que fortaleçam as práticas pedagógicas, pois, os que vimos foram metodologias incapazes de contribuir no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pautados na transmissão de conteúdos de forma expositiva, mecânica e descontextualizados.

O professor copia as questões no quadro sobre assuntos gramaticais, por meio de uma xerox que estão as questões, alguns copiam, outros mexem no celular. As questões vão da letra A ao P, o que se torna repetitivo. O horário da aula termina e o professor somente copiou o conteúdo no quadro, e não houve tempo para explanação e dúvidas sobre o conteúdo. (Diário de observação, 14/11/2017).

Esta aula está pauta na exposição de conteúdos no quadro, atividades para copiar e responder. Com nenhum acompanhamento das duvidas por parte dos alunos. Essas práticas pedagógicas excluem a teoria defendida por Freire, de uma educação baseada no diálogo, nas relações sociais.

Diante de tal realidade, FREIRE (1967, p. 94-95) advoga que:

Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra “milagrosamente” esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização.

Ao encontro dessa perspectiva Freire (1996, p.14) discorre que “formar é muito mais que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”. Deste modo, os educadores devem rever suas práticas pedagógicas, valorizando a realidade dos os alunos, de acordo com suas vivências e saberes adquiridos ao longo da vida. Possibilitando uma nova

visão sobre o ensino na EJA, marcada pelas atitudes que os docentes e a escola devem adquirir, ressaltando a necessidade de possibilitar aos alunos a construção do conhecimento, resgatando os conhecimentos já estabelecidos dos alunos, adequando-os na educação formal.

Os professores da escola pesquisada foram questionados sobre as práticas pedagógicas usadas no processo de ensino e aprendizagem.

O professor A respondeu que:

Utilizo como referencial teórico a concepção construtivista, onde o conhecimento é baseado nas trocas e interações do sujeito com o meio. Realizo atividades com o uso de tecnologia atraída ao trabalho de equipe, debates, pesquisas em internet, palestras, data show, debates coletivos, produções textuais, insurgindo o lado cognitivo, a autonomia, senso crítico, criatividade e respeito, principalmente. Desta maneira, creio que coopero para a construção do conhecimento do público alvo levando em consideração uma aprendizagem colaborativa e cooperativa. (Professor A).

Deste modo, o professor deve empregar em suas aulas metodologias inovadoras, adequadas ao seu alunado, de forma prazerosa e eficaz. Mesmo com muitas dificuldades, os professores precisam superar os entraves, vencendo os desafios para atuar de forma diferenciada, usando práticas condizentes com a realidade dos alunos, com o intuito de resgatar e manter os mesmos na escola até concluir os estudos.

Porém é importante que no processo de ensinar, tenha uma relação agradável de envolvimento do professor com seus alunos, para que os mesmos edifiquem juntos uma trajetória em busca do conhecimento. Pois, conforme Paulo Freire, “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1996, p.23)

Como atesta o professor B, ao ser questionado sobre os meios de incentivos utilizados no processo de ensino e aprendizagem.

Acredito que uma relação de amizade para com os alunos também ajuda bastante, fazendo com que sintam-se queridos. Além do incentivo diário por meio de atividades que facilitem a aprendizagem. (Professor B).

Já que no ato de aprender, não são suficientes apenas os conhecimentos que os professores transmitem aos seus alunos, mas, sobretudo, numa mediação de conhecimentos entre professor e alunos, perpassando os caminhos de transmissão de conteúdos, e alcançando diálogos e partilha de saberes. Como diz FREIRE (1996, p.79), “o educador já não é mais o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser

educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”.

Contudo, vemos a partir da realidade escolar o grande desafio de ser professor, e promover uma educação libertadora, ainda mais quando nos deparamos com uma realidade completamente distinta do que é referido pelas leis e orientações dos órgãos competentes, que infelizmente, nos proferem apenas promessas milagrosas, que nunca vão se tornar concretas, que afeta diretamente na qualidade do ensino do país. Escola e todo seu corpo profissional são entregues as condições que expandem o descaso educacional, e conseqüentemente, sobressaem à evasão, a repetição, a desvalorização dos professores, tornando cada dia mais difícil promover uma educação adequada para todos. Por sua vez, nos deparamos atualmente com um ensino totalmente desprovido da realidade dos educandos, onde o conhecimento é transmitido de forma contínua de produzir e reproduzir o saber, por meio de aulas tradicionais, devido à falta de recursos e, sobretudo a falta de formação específica para os professores atuantes nesta modalidade de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) remota ao período colonial, praticada pelos jesuítas, baseadas nos pressupostos de evangelização. A modalidade de ensino passou por vários perpasses e momentos de crises em toda sua trajetória, em busca de uma educação igualitária e de qualidade para esses sujeitos, que apesar dos avanços, atualmente encontra dificuldades em seu processo de ensino e aprendizagem, desmerecida pelos órgãos públicos e tratada numa perspectiva compensatória, motivos que requer uma atenção ainda maior.

Deste modo, o intuito desta pesquisa foi ressaltar a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA), frisando as práticas pedagógicas utilizadas pelos docentes que trabalham nesta modalidade de ensino na escola Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha, localizada no município de São Bernardo- Ma. Entretanto, é importante destacar que não é nossa pretensão generalizar, que todos os profissionais desta modalidade trabalham da mesma forma, pois este trabalho é apenas uma pequena parcela desta temática tão complexa.

Os dados coletados na pesquisa nos mostram que o alunado da EJA ao retornarem aos bancos escolares busca sanar suas dificuldades, porém as aulas desenvolvidas pelos profissionais de forma tradicional desmotivam os alunos e contribui para a evasão escolar. Acreditamos que não existe apenas uma prática pedagógica milagrosa e perfeita para cada modalidade de ensino. E com a EJA, não é diferente.

Creemos que o educador que trabalha na EJA, deve buscar, diariamente, renovar seus saberes e atuações, atrelando teoria e prática, no intuito de atender as necessidades de seus alunos na sociedade atual. Sendo assim, o professor deve empenhar-se para oferecer práticas pedagógicas para que os alunos sejam sujeitos críticos, reflexivos e atuantes, com capacidade para transformar sua realidade. Pautadas na valorização dos conhecimentos dos alunos, sua cultura, suas vivências, compreendendo as dificuldades dos mesmos, ao mesmo tempo, excitando-os para superar essas dificuldades, de modo que não abandonem e prossigam sua formação, já que não existe um tempo determinado para se aprender.

Deste modo, entendemos que a formação dos professores tem grande contribuição para uma prática pedagógica compromissada com o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos da EJA. Pois o que vemos na realidade escolar, em sua maioria, são práticas pedagógicas por meio da transmissão de conteúdos, normalmente expositiva, mecânica, desenvolvida em sala de aula de forma improdutiva.

Sendo assim, a formação deve ser contínua na vida dos profissionais, ressaltando que os mesmos devem ser valorizados por parte da Secretaria de Educação, por meio de ações que possibilite aos profissionais sanar as dificuldades que a EJA apresenta. Pois constatamos que a falta de formação por parte dos educando, reflete diretamente nas práticas desenvolvidas em sala de aula por esses profissionais. Os docentes relacionam teoria e prática, a partir dos conhecimentos e experiências adquiridos em outras modalidades de ensino, o que acarreta em adaptações de atividades, impróprias para esta modalidade. E compreendemos que a formação profissional edifica não somente o profissional, mas também, a instituição e a comunidade escolar em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, LDB nº 9.394/96, Ministério da Educação. Brasília, 1996. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf

Acesso em: 20/12/2017

BRASIL. Parecer MEC/CNE/CEB n. 11/2000, maio de 2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf

Acesso em: 20/12/2017

BRASIL. Lei nº 5.379, de 15 de Dezembro de 1967. Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5379-15-dezembro-1967-359071-norma-pl.html> Acesso em: 15/12/2017

BRASIL. Decreto nº 92.374, de 6 de Fevereiro de 1986. Dispõe sobre o Estatuto de Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos - EDUCAR. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-92374-6-fevereiro-1986-442863-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 15/12/2017

BRASIL. Lei Nº 11.494, De 20 De Junho De 2007. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111494.htm

Acesso em: 15/12/2017

Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5379-15-dezembro-1967-359071-norma-actualizada-pl.pdf>

Acesso em: 15/12/2017

CAPUCHO, Vera. **Educação de Jovens e Adultos: práticas pedagógicas e fortalecimento da cidadania** – São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRA, Luiz Olavo Fonseca. **Que diretrizes devem nortear a formação inicial e continuada dos educadores de jovens e adultos? Perspectiva dos professores de jovens e adultos da educação básica.** In: formação de educadores de jovens e adultos. MACHADO, Maria Margarida (Org.). Brasília: Secad/MEC/UNESCO, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1967.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. Revista Educar, Curitiba, n. 29, 2007.

PAULA, Cláudia Regina de; OLIVEIRA, Marcia Cristina de. **Educação de Jovens e Adultos:** a educação ao longo da vida – Curitiba: Ibpx, 2011.

ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. **Educação de adultos:** identidades, cenários e perspectivas. Brasília: Liber Livro, 2007.

SANTOS, Milton. **O professor como intelectual na sociedade contemporânea.** In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 9., LINDOIA, 1998.

SILVA, Natalino Neves da. **Juventude Negra da EJA:** o direito à diferença. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** – 4. ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

UNESCO. **Confitea V**: Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos. Julho 1997.

Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf>

Acesso em: 15/12/2017

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUAGENS E CÓDIGOS

QUESTIONÁRIO DE MONOGRAFIA

PROFESSORA ORIENTADORA: RACHEL TAVARES COSTA

ALUNA: RITA DE CÁSSIA COSTA SILVA

CARO ALUNO:

Agradeço a sua colaboração, esse questionário é sigiloso à autoria das respostas.

Nome: _____ Idade: _____

1. Quais motivos o levaram a ingressar em uma turma da EJA nesta fase de sua vida?

2. Você frequenta as aulas por vontade própria/prazer, por necessidade e/ ou obrigação?

3. Você se arrepende de ter abandonado a escola na infância? Qual o motivo por não ter feito?

4. O que você acha das metodologias utilizadas pelos professores em sala de aula?

5. Qual tipo de conteúdos trabalhado em sala de aula você gosta mais? Se pudesse sugerir um tema para uma aula, qual seria?

6. Você trabalha durante o dia?

7. O que você deseja :

() apenas aprender a ler e escrever;

() continuar os estudos e fazer um curso com formação superior.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 CAMPUS SÃO BERNARDO
 CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUAGENS E CÓDIGOS
 QUESTIONÁRIO DE MONOGRAFIA

PROFESSORA ORIENTADORA: RACHEL TAVARES COSTA
 ALUNA: RITA DE CÁSSIA COSTA SILVA

Prezado professor (a):

Para o desenvolvimento do trabalho de monografia sobre educação de jovens, adultos e idosos-EJA, são necessários alguns dados acerca de sua visão e metodologia empregada no processo de ensino-aprendizagem da EJA, para tal solicito a colaboração respondendo as perguntas que segue:

Nome: _____

1. Qual a sua formação? Possui alguma formação no campo da EJA?

2. Quanto tempo atua na EJA?

3. Qual motivo o (a) levou a trabalhar na EJA?

4. Em sala de aula, você faz uso:

() Metodologias particulares para o processo de ensino e aprendizagem ou

() Emprega práticas metodológicas de acordo com as circunstâncias .

Comentários:

5. Você encontra dificuldades na busca por material de apoio e incentivo? Se sim, quais?

6. Em sua opinião, a Secretária de Educação oferta satisfatoriamente formação continuada aos professores que atuam na EJA?

7. Qual o nível de evasão escolar na sua turma:

() menor de 50%

() acima de 50%

8. O que causa a evasão escolar?

9. Você faz uso de outros meios de estímulos no processo de ensino e aprendizagem, além das metodologias aplicadas? Quais?

10. Há coisas nesta escola que poderiam melhorar? O que, por exemplo?
